

**EBOOK**  
melhores trabalhos  
2016

Produção - Associação | Impressão - Gráfica FDA

*crônica*

**XXX Semana  
LETRAS**

**35<sup>o</sup>** Concurso  
Literário

**17 a 21 de outubro**



UNISO



Editora  
**Jogo de Palavras**

**Organização:**  
Colegiado de Letras da Universidade de Sorocaba





# ANTOLOGIA

do 35º Concurso Literário da UNISO | 2016

---

## CRÔNICAS

Copyright © 2016 by Colegiado de Letras da Uniso

### **Organização**

#### **Auxílio Administrativo**

Prof. Wilson Vieira

#### **Coordenação**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Denise Lemos Gomes

#### **Revisão Final**

Prof. M.<sup>e</sup> João Paulo Hergesel

#### **Imagem da capa**

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Jéssica Bastida Raszl - Assecoms UNISO

#### **Projeto gráfico**

Prof.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> Daniele de Oliveira Garcia

---

#### **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

UNISO, Universidade de Sorocaba.

Antologia do 35.<sup>o</sup> Concurso Literário da Universidade de Sorocaba:  
crônicas. Alumínio: Jogo de Palavras, 2016. 40 p.

ISBN 978-85-66626-08-7

1. Literatura brasileira. 2. Ficção. 3. Crônica.

CDD – B869.8

---

1.<sup>a</sup> Edição

Todos os direitos desta edição reservados à



Editora Jogo de Palavras

[www.jogodepalavras.com](http://www.jogodepalavras.com)

# Sumário

<b>Call Center</b>   <i>Gilmar Luiz de Medeiros</i> .....	<b>7</b>
<b>Quero uma sandália</b>   <i>Pedro Galuchi</i> .....	<b>11</b>
<b>Tinha um Drummond sobre a mesa</b>   <i>Anderson Lobo</i> .....	<b>14</b>
<b>Uma mera amora</b>   <i>Marlene Gil</i> .....	<b>16</b>
<b>Sobre amores-celulares</b>   <i>J.L. Silva</i> .....	<b>18</b>
<b>Marco Zero</b>   <i>Adriana Manfredini</i> .....	<b>22</b>
<b>Legalização da Gentileza</b>   <i>Sérgio Bernardo</i> .....	<b>24</b>
<b>O dia em que o espírito do Elvis baixou em mim</b>   <i>Pedro Melo</i> .....	<b>26</b>
<b>Caçadora de Palavras</b>   <i>Carla Taíssa Laureano Santana</i> .....	<b>29</b>
<b>Da crônica dor de cabeça de se escrever uma crônica</b>   <i>Saja</i> .....	<b>31</b>
<b>Vida</b>   <i>Andressa Barichello</i> .....	<b>34</b>
<b>Rita</b>   <i>Marcela de Castro Bergamin Yoneda</i> .....	<b>36</b>

# Call Center

*Gilmar Luiz de Medeiros*

É de manhã no escritório, estou sem acesso à internet, não posso trabalhar. Não que não tenha serviço, pelo contrário, mas quase tudo o que precisa ser feito depende da bendita conexão.

Que remédio? Central de Atendimento, penso com desânimo. Bebo um café, tiro e recoloco todos os cabos dos computadores, desligo e ligo o aparelho da tomada oito vezes, dou umas pancadas no receptor.

Sem sucesso, pego o telefone e ligo, com o único objetivo de saber se a interrupção é geral ou se preciso chamar um técnico para verificar meus equipamentos.

Inicialmente parece simples. No segundo tuuuuu a máquina dá as boas-vindas:

– Olá, você ligou para a Melhor Empresa de Prestação de Serviços do Mundo. Tenha em mãos caneta, papel, documentos pessoais e contrato de prestação de serviços.

(Na primeira ligação eu paro nesse ponto).

E a voz, sensualmente feminina, prossegue:

– Se você já é nosso cliente, digite 1. Digite pausadamente todos os números do seu CPF. Opção inválida. Digite pausadamente todos os números do seu CPF...

Na quarta tentativa, finalmente, consigo prosseguir.

– Se você está com problemas na sua rede, digite 1.

Digito o 1.

– Em seguida será informado o número do seu protocolo de atendimento. Por favor, anote-o em um lugar seguro: dois dois dois quatro sete nove nove cinco quatro quatro oito seis seis zero zero zero zero zero zero. Para ouvir novamente, digite 1, para prosseguir, digite 2.

Sem querer, digito o 1. A paciência acaba, a pressão aumenta, mas desligar agora significa ter que recomeçar do zero. E depois de ouvir novamente o protocolo eu ainda posso digitar 1, se quiser ouvir de novo. Cuidadosamente, digito o 2.

– Por favor, aguarde atendimento. Para sua segurança, essa ligação será gravada. Ao final, você será convidado a avaliar este atendimento, para que possamos melhorar ainda mais a qualidade dos nossos serviços.

E durante dezenove minutos eu aguardo inquieto, esperando um filho de Deus disposto a me responder uma única pergunta. Para consolar, uma musiquinha de fundo, de vez em quando interrompida pela máquina:

– Sua ligação é muito importante para nós. Em breve você será atendido.

Nada breve, alguém dá sinal de vida do outro lado, dessa vez uma voz de homem:

– Melhor Empresa de Prestação de Serviços do Mundo, boa tarde, meu nome é Fulano Cicrano da Silva Beltrano, com quem eu falo, por gentileza?

Educadamente eu falo o meu nome completo, ele pergunta em que pode ajudar.

– Olha meu amigo, eu estou sem internet, gostaria de saber se é um problema geral ou se é no meu equipamento?

– Aguarde só um instante, por gentileza... Senhor, obrigado por aguardar. O senhor já é nosso assinante?

– Sim, informei que era no início da ligação.

– Compreendo. O senhor poderia me informar pausadamente todos os dígitos do CPF do senhor?

– Amigo, já digitei pausadamente o meu CPF no início da ligação, quero apenas saber se o problema é na empresa ou na minha casa.

– Olha senhor, para que eu possa estar verificando para o senhor é necessário que o senhor me informe, pausadamente, todos os dígitos do seu CPF.



Mordendo a gola da camisa eu informo, pausadamente, todos os dígitos do meu CPF.

– Só um momento, por gentileza... Senhor, obrigado por aguardar. Eu falo com o senhor...

Afasto o telefone da orelha como um sinal de protesto para não o ouvir repetir meu nome, dito para ele há menos de um minuto.

– Senhor? Senhor?

– Sim?

– O senhor poderia informar o seu telefone de contato?

– Sim, mas olha, eu só quero saber se o problema é...

– O senhor tem mais algum outro telefone de contato?

Respiro fundo!

– Não, senhor.

– O senhor poderia informar um e-mail de contato? Aceita estar recebendo o protocolo do atendimento por e-mail? O senhor confirma o seu CEP, por favor? Informe o número do seu contrato, por favor...

Não tenho o que fazer. Decido responder educadamente cada pergunta, como alguém que aceita calado seu castigo, por ter errado na decisão. Por que não chamei logo alguém para verificar meus aparelhos?

– Só mais um momento, por favor... Senhor, obrigado por aguardar. Queira, por gentileza, anotar seu protocolo de atendimento. Dois, dois dois... Lembrando que o senhor também receberá o número do protocolo por e-mail e por SMS, alguma dúvida?

Nenhuma dúvida.

– Pois não, qual é o motivo da ligação?

– Olha, amigo, eu estou sem internet, e gostaria de saber se é uma falha geral, ou se o defeito está na minha casa?

– Compreendo. Só mais um instante que eu vou estar verificando para o senhor... Só mais um instante enquanto eu localizo os dados... Só mais um instante... Senhor, obrigado por aguardar. Então, o que ocorre é o seguinte: os nossos sistemas estão inoperantes devido a um problema interno em nossos equipamentos, e nesse momento todos os nossos

assinantes estão sem sinal de internet. Informo que a nossa equipe técnica já foi notificada e já está trabalhando para que a situação seja normalizada o mais breve possível. Algo mais?

– Então o problema é geral?

– Os nossos sistemas estão inoperantes devido a um problema interno em nossos equipamentos, senhor, e nesse momento todos os nossos assinantes estão sem sinal de internet.

– E há previsão de retorno?

– Informo que a nossa equipe técnica já foi notificada, senhor, e já está trabalhando para que a situação seja normalizada o mais breve possível. Algo mais?

– Não, senhor, obrigado.

– A Melhor Empresa Prestadora de Serviços do Mundo agradece a ligação e deseja uma boa tarde. Lembrando que após o sinal o senhor será convidado a estar avaliando este atendimento, atribuindo notas de zero a cinco, de acordo com o índice de satisfação do senhor, sendo zero para...

Desligo o telefone.

E depois de beber mais um café, certificando-me que não é possível trabalhar, procuro matar o tempo escrevendo uma crônica:

É de manhã no escritório, estou sem acesso à internet..

# Quero uma sandália

*Pedro Galuchi*

“Quero uma sandália!” Disse o Homem com voz titubeante à Moça da loja.

A Moça tentou desviar o olhar ao ver os trajes velhos que escondiam o dono da voz. Homem com aparência de morador de rua.

“Quanto custa aquela?” Insistiu a voz saída da boca coberta pela barba e bigode há muito sem corte, mas limpa.

“Catorze e noventa”, respondeu a Moça dirigindo a atenção à Cliente ao lado.

“Posso experimentar?” Apoiando as mãos suadas no balcão de vidro.

“Qual o número?” A Moça vendo-se acuada.

“Acima de quarenta e dois.”

“O senhor calça qual número afinal?” Sentindo possibilidade de escapar.

“Acima de quarenta e dois”, afirmou o Homem, categórico.

“Como assim, acima de quarenta e dois?” Encaminhando a paciência aos estertores.

“A senhorita nunca ouviu falar que pé de pobre não tem tamanho? Até quarenta e um eu raspo o calcanhar no chão, acima disso serve qualquer uma.” Sentiu-se ironia.

Impossível à Moça esconder leve sorriso ante a lógica simplória e feroz. Mudou de atitude. Pegou par na prateleira e ofereceu ao Homem. Antes de soltar as sandálias, arriscou: “O senhor está com os pés limpos, não?”

Sem sentimento de ofensa, reagiu também sorridente, demonstrando saber: “Claro! Tanto quanto os lavados por Jesus antes

da Páscoa”, apontando os pés calçados por rotas sandálias de cores diferentes. Uma delas com a tira substituída por uma amarração de barbantes.

Libertas as sandálias e rapidamente calçadas, o Homem sorridente afirmou, à Moça: “Perfeita! Nem machuca o dedão.”

“O senhor vai levar?” Sentimento de alforria ante a situação incômoda, denunciada pelo olhar da Gerente, postada no caixa, censurando a presença do Homem.

“Tem um modelo mais bonito?” Indagou o Homem, vasculhando as prateleiras com olhar de criança namorando presentes de Natal.

A Moça na corda bamba, entre o desespero da perda de tempo e a curiosidade de aonde chegaria a conversa.

“Aquela”. Apontou o dedo de unha comprida em direção a um par mais colorido.

“Aquela é mais cara.” Voz da Moça desanimando.

“Quanto?” Desafiou o Homem.

“Vinte e quatro e noventa.”

“Por que é mais cara? O material é o mesmo”, argumentou demonstrando certa irritação.

“É que esta...” desistindo de explicar, corrigiu... “É o preço dela. Mais cara, mesmo.”

“Faz vinte?” Regateou.

A Gerente decidiu salvar a Moça e interveio bruscamente, mas gentil, dentro do mister de quem sobrevive do comércio: “Meu senhor, posso ajudar?”

“Posso pagar até vinte pela sandália. É o que tenho”, mostrando um pacotinho de moedas, retirado vagarosamente do bolso da bermuda.

Brotou angústia coletiva na loja.

Gerente e Moça entreolharam-se, quase cúmplices em abrirem mão da pequena comissão de uma eventual venda.

“Tudo bem! Tudo bem! Não podem, não podem. Eu esmolo mais um pouco e depois venho comprar”, disse firme o homem como é pertinente a quem decide.

Dirigiu-se à saída, interrompido pela Cliente, que aguardava pacientemente sua vez: “Vamos fazer o seguinte: pago a diferença!” E ofereceu moedas retiradas do porta-níqueis de couro.

Gerente e Moça sorriram, aliviadas do peso que lhes era retirado.

“Não quero favores”, contra atacou o Homem, em tom alto.

Desespero de toneladas caiu.

“Aceite como esmola, então.” Rebateu, placidamente, a Cliente.

Desarmado de argumentos, o Homem submeteu-se. Estendeu as mãos em concha cuidando que nenhuma caísse ao chão. Manifestou um agradecimento com a cabeça, balbuciando algo.

Comungou-se respiração profunda.

Recuperada a dignidade, virou-se para a Moça, colocou um punhado de moedas sobre o balcão e surpreendeu: “Veja-me a de catorze.”...“Quarenta e quatro”... “Não precisa embrulhar”.

Prontamente atendido pela Moça, tirou as rotas dos pés, calçou as novas e finalmente saiu calmamente da loja admirando os pés. Deixou para trás, além das sandálias velhas, três pares de olhos cruzando-se, à busca de entender

# Tinha um Drummond sobre a mesa

*Anderson Lobo*

Cheguei a casa, após certo dia de trabalho. Em cima da mesa da cozinha, um Drummond. Olhei com algum desdém e me dirigi ao quarto. Antes, passei pela sala, onde minha filha assistia à TV. Cumprimentei-a com um sorriso.

Voltei do quarto e acabei passando pela cozinha novamente. Ia para o banheiro. E tinha um Drummond... sobre a mesa. Apenas, passei meus olhos mecanicamente e fui tomar um bom e morno banho.

Lá pelas seis, Teresa chegou. Eu acabara de sair do banho.

— Teresa, tem um Drummond sobre a mesa... — disse imediatamente para minha esposa, após saudá-la com um beijo.

— Deve ser coisa da Julieta — respondeu prontamente e sem nenhuma surpresa.

Em meu alheamento ao que soa porosidade e comunicação, fiquei em silêncio e acreditei ter colocado uma pedra naquele assunto. Assim, me distraí nas horas seguintes, lendo algo no jornal e ajudando Teresa no preparo de um jantar.

Jantamos lá pelas oito e aquele Drummond nos fez companhia, sobre a mesa, imóvel. Ninguém foi capaz de dizer uma palavra sobre aquilo. Teresa e eu, mastigando aquela comida com certa frieza e Julieta com algum olhar sonhador próprio de alguém que vive o auge da adolescência.

Passava das nove, quando fui para cama. Teresa ainda via algo na TV do quarto, quando me deitei ao seu lado. Mas, estranhamente, nenhum sono me veio. Rolei algumas vezes pela cama e, sem saber o porquê, me lembrei daquele Drummond novamente.

Percebendo minha inquietação, minha mulher me lançou um sutil olhar reprovador.

— Vou à cozinha beber alguma água! — eu lhe disse com certa culpa.

Passei pela sala onde Julieta conversava com alguém pelo celular. Não lhe dei muita atenção, embora ela sorrisse timidamente para mim. A cozinha estava escura. Sem rodeios, acionei o interruptor e a lâmpada acendeu. Meu coração disparou, pois Drummond continuava no mesmo lugar, como se me esperasse.

“E agora José?”, pensei uma vez. E, antes de pensar novamente, deixei-me levar pelo instinto. Puxei uma cadeira e me sentei. Encarei Drummond com certo olhar de reverência e o abri.

“Alguma Poesia”, só então percebi o título. E fiquei estático, como se não soubesse o que fazer. “Tenho apenas duas mãos... e um Drummond”, disse em um sussurro, como se aquelas palavras fossem mágicas.

E meus olhos se aventuraram, com natural cautela, pelas linhas iniciais daquele Drummond. E, quando dei por mim, já me enveredava pelo sentimento do mundo contido naqueles versos.

Foi noite algo sublime. Naveguei por mares de poemas e confidências daquele itabirano. Li e reli quantas vezes me foi possível, até adormecer. E quando a madrugada lançou seus tentáculos pela janela da cozinha, eu me encontrava envolto em tantos arrebatamentos, que julguei ser apenas um sonho quando ouvi alguém me chamar.

— José! — era a voz de Teresa. — A noite esfriou!

Ergui os olhos, quando finalmente me dei conta de que minha esposa me estendia uma mão. Retribui, com um sorriso e a abracei com alguma volúpia, enquanto olhava, de soslaio, para Drummond em cima da mesa. E sentimento, algo de paz, tomou conta do meu peito.

“Só pode ser coisa da Julieta!”, pensei enquanto caminhávamos para o quart

# Uma mera amora

*Marlene Gil*

Ela morava sozinha, plantava flores, mantinha uma horta e era solteira aos 35 anos. Tinha grandes olhos verdes, um rosto miúdo, a boca pequena e desbotada. Os cabelos sempre presos num coque mal feito. Magra, pálida. Chamava-se Amora.

Ele... Ele agora era um pesquisador. Procurava mulheres acima dos trinta e solteiras quando viu Amora mexendo nas flores do jardim. Com certeza era solteira e sem dúvida tinha mais de trinta! Bateu palmas. Os grandes olhos de Amora voltaram-se para o rapaz de sorriso largo. Levantou-se, limpou as mãos e dirigiu-se ao portão. Ajeitou os óculos.

– Pois não, senhor.

– Olá. Estou fazendo uma pesquisa e gostaria de fazer-lhe algumas perguntas. Você é uma mulher independente e tem mais de trinta anos, certo? Pode responder a algumas perguntas?

– Já começou a pesquisa? Amora tentava ser intimidadora. Quem era esse que de cara perguntava a sua idade?

– É só uma anamnese. É solteira? Mora sozinha? É professora, não é? Como se chama?

– Amora, solteira, moro sozinha, não sou professora e... por que quer saber?

Ele falou a respeito da pesquisa sobre mulheres solteiras, com mais de trinta anos e independentes. Amora disse que pensaria a respeito. Que voltasse depois. Por que achou que ela tinha mais de trinta? Sujeito insolente!

Durante alguns dias o rapaz procurou em vão, pois Amora evitava atendê-lo.

Amora... Ele gostava muito da fruta e gostou da mulher. Insistiu. Palmas outra vez.

– Ah, de novo o senhor. É sobre a pesquisa?

– Pesquisa? Ah sim, é.



Amora aproximou-se e o rapaz logo começou:

– Pode me falar de você, seus desejos, sua rotina...

Ela resolveu falar. E o jovem voltou para ouvi-la outras e outras vezes. Amora esqueceu-se de perguntar para que serviria a pesquisa, mas isso não importava agora. Queria vê-lo outra vez. Será que o assustara com a vida de uma mulher de trinta e poucos? Sacudiu os ombros e voltou à rotina.

Alguém no portão. Ora se não era o moço do sorriso bonito. Como se chamava mesmo? Ah, isso não importa.

– O que houve com a pesquisa? – perguntou Amora.

– Que pesquisa? Ah, a pesquisa. É sobre jardins, ou frutas... Hortas, talvez?

Amora coçou a cabeça, pensou, olhou novamente aquele sorriso tão cativante, sorriu e disse:

– Claro, sobre hortas.

Ele era estranho, mas Amora gostava disso. Entraram, conversaram. E ele outra vez se foi. Ele e o seu sorriso bonito. Os dias se passaram e nem sinal do moço bem-apanhado de sorriso tão encantador, até que, novamente, palmas no portão e lá estava ele.

– Posso falar-lhe, senhorita?

Amora sorriu, olhou-o nos olhos e perguntou:

– É sobre uma pesquisa sobre qualquer assunto, certo?

– Ah sim, a pesquisa... Acho que já terminei. Encostou-se no portão, lançou o melhor de seus sorrisos e disse:

– Há dias tenho me dedicado a um único estudo: Amora. Estudo Amora. Ah, só pra que saiba: sou solteiro, tenho mais de trinta e descobri que gosto demais de Amora... E então, podemos conversar?

Amora retribuiu o sorriso. Sim, poderiam, é claro, pelo bem das pesquisas.

## Sobre amores-celulares

*J. L. Silva*

Sentei-me no ponto de ônibus. Era tarde da noite, esperava o ônibus que me levaria para casa. Retirei um livro da mochila e comecei a ler.

De repente, sentou-se ao meu lado um rapaz e uma garota que parecia serem amigos. A garota encontrava-se desconsolada, estava desesperada e chorava horrores, um choro entrecortado por soluços.

O rapaz tentava consolá-la, dizia que tudo ficaria bem, que ela sairia daquela situação e tudo mais.

A curiosidade fez-me prestar atenção na conversa, a disfarçar com o livro enfiado na cara.

– Eu não posso mais suportar toda essa pressão! Eu não durmo, não como... não sei fazer mais nada da vida sem ele. Eu amo ele de paixão, eu amo ele demais! Um ano e meio juntos não é pouca coisa, estamos preparados, mas eles não entendem!

– Ai, amiga, eu nem sei o que falar, não sei o que eu faria numa situação dessas, viu. Realmente tudo isso é muito complicado, né.

– Mas não era pra ser complicado, o amor deveria superar tudo, mas meus pais não entendem. Que saco!

– Mas você já tentou conversar com eles?

– Claro que já, mas eles não me escutam, não ligam pros meus sentimentos. Dizem que sou muito nova pra amar, dizem que eu nem sei o que é amor de verdade.

– Difícil, né, amiga. Os pais são um porre mesmo, os meus também não entendem a escolha que fiz pra minha vida, a situação entre a gente era muito complicada, então, só me restou ir embora de casa mesmo e morar sozinho.

– Pois é! É o que eu quero fazer também, assim que eu puder eu vou embora de casa, não posso aguentar mais tudo isso.

– Faça isso mesmo, só assim seus pais vão te dar valor, só assim. Mas, você já fez 19 anos, por que ainda espera? Por que não vai embora logo de uma vez?

– Eu até queria ir, mas não consigo trabalhar e estudar ao mesmo tempo, meu curso exige muito de mim. Não dá! Além disso, eles não querem me dar uma mesada e nem pagar o meu aluguel, vê se pode!

– Que absurdo! Mas, na questão de trabalhar e estudar, eu sei bem como é, não é fácil. Na minha turma desistiu um monte de gente. Poucas pessoas sabem a barra que é estudar direito.

– Direito? Ué, tá doido? Você estuda administração, igual a mim.

– Ah, sim, mas eu estava falando em estudar direito, estudar certinho, se esforçar, sabe?

– Ah, tá. Entendi.

Nesse momento, quase me manifestei e disse para eles para voltarem ao assunto principal, pois, a curiosidade me consumia. Seja lá o que estivesse acontecendo com a garota deveria ser muito grave, levando em consideração o choro inicial e a decisão de ir embora de casa. Contudo, não fora preciso, logo eles retornaram ao assunto:

– Você sabe que esses dias ele comprou a passagem pra gente se ver, quer que eu vá até São Paulo na casa dele e tudo mais. Disse que vai me apresentar pra família dele e tal. Mas meus pais me proibiram, não me deixarão ir, você acredita nisso?

– Nossa, não acredito. Mas seus pais não deixaram vocês namorar?

– Não, eles nem sabiam, nem contei porque eu sabia que dariam chiquete, ainda mais por termos nos conhecido pelo celular, pela internet. Contei tudo recentemente.

– Entendi. É complicado mesmo, amiga. Ai, nem sei o que eu faria se eu fosse você numa situação dessas, viu.

– Mas e se fosse você? O que faria?

– Ai, amiga, você sabe como eu sou, não quero te influenciar em nada não, mas se fosse eu, iria mesmo sem permissão, ia escondido e pronto!

– Eu até pensei nisso, mas não posso...

A garota desatou a chorar novamente. O amigo a abraçou e a consolava. Vi umas lágrimas rolarem no rosto dele também.

– Odeio ver você assim, amiga. Vamos lá, não desanima. Vamos pensar em alguma coisa, diz que vai pra minha casa, sei lá. Combina outro dia, a gente dá um jeito. Eu ajudo você a fugir pra ver ele.

– Eu queria tanto, eu amo ele tanto, você não sabe o quanto. Ele é o amor da minha vida, eu sei disso, apesar de não termos nos visto ainda, ele é tão carinhoso comigo quando trocamos mensagens e nos falamos pelo celular. Ele é um fofo!

– Corre atrás do seu amor, vamos lá! Vá escondido, eu vou falar com sua mãe, eu ajudo você.

– Eu não posso, por mais que eu queira, não posso.... se meus pais descobrirem minha vida estará arruinada, não posso...

– Ai, amiga, eles não vão saber. Mas mesmo que saibam, o que pode acontecer de tão grave assim? Eles te baterem? Você ficar de castigo? Isso não vale a pena para ver o amor da sua vida?

– Não é isso, não é nada disso. Mas se eu for escondida e eles descobrirem, minha mãe disse que não me dará mais o Iphone 6 que tinha me prometido. Não posso correr esse risco, olha só como está o estado do meu celular, todo trincado. Eu preciso dum celular novo, não tem jeito. Mas eu amo ele de paixão, não sei o que vou fazer.

– Que situação, hein. Nossa, não sei nem o que dizer...

Ambos se abraçaram e voltaram a chorar. Não aguentei e acabei por soltar umas risadas. O rapaz me olhou feio, eu disfarcei e enfiei a cara no livro para rir às escondidas. A minha sorte é que meu ônibus logo chegou.

Hoje em dia, Shakespeare poderia ter dado um novo final para Romeu e Julieta, bastava enfiar um celular no meio da história.

Amores e celulares são muito parecidos, ambos precisam de conectividade, apresentam diversos recursos, são companheiros inseparáveis e possuem seus joguinhos. Contudo, um amor nunca será párea para um celular, pois eles podem ser trocados a qualquer momento, sem remorsos ou ressentimentos.

A lição aprendida desse episódio me lembra muito uma velha frase da minha querida vizinha: em terra de superficialidade, o amor vira um acessório.

# Marco Zero

Adriana Manfredini

São Paulo nasceu no Pátio do Colégio, onde os jesuítas ergueram em taipa a edificação inaugural da capital. Mas o Marco Zero paulistano, que representa burocraticamente o centro geográfico da metrópole, foi instalado a uns 400 metros dali, quase quatro séculos depois. É do hexágono afixado em 1934 no meio da Praça da Sé que se inicia a contagem da quilometragem das rodovias estaduais, dá ordem à numeração das vias públicas e inaugura a sequência crescente dos CEPs do Brasil, com o primeiro deles, 01001-000, destinado ao lado ímpar da própria praça.

Para mim, no entanto, o marco zero de São Paulo é outro. Fica a uns dez quilômetros adiante do ponto oficial, às margens do Rio Pinheiros, na direção que o hexágono de mármore indica como sendo a do Paraná. Com suas torres de energia enfileiradas ao fundo, lá está a Usina de Traição.

Avistei-a pela primeira vez nos anos 1980, quando eu tinha uns seis anos e viajava com meus avós para o litoral. Eles queriam me apresentar o mar. Tínhamos saído cedo de Sorocaba, onde vivia a família. Uma hora e tanto depois, a Belina verde de vovô entrava na Marginal Pinheiros, em direção ao acesso da Avenida Bandeirantes.

Claro que, naquela época, não sabia desses detalhes do percurso. Minha descrição seria, no máximo, a seguinte: viemos pela estrada pequena, depois pela estrada grande, aí pegamos uma estrada ao lado de um rio e, de repente, o carro entrou numa ponte que fez uma curva. E no meio da curva, avistei aquele prédio misterioso, construído em cima do rio, coisa mais doida. E ao lado, um bosque de árvores metálicas,

plantadas em carreiras paralelas e ligadas por fios. Coisa mais doida ainda. Fiquei encantada, intrigada, curiosa.

– Vovô, aqui é a praia?

– Não, ainda falta um pouco para chegar à praia. Aqui é São Paulo. Temos que atravessar São Paulo primeiro antes de pegar outra estrada para o litoral.

– São Paulo?

– É, São Paulo, a capital do nosso estado, a maior cidade do Brasil.

Aquilo que eu estava vendo era uma cidade grande. Deu uma vontadezinha de pedir para o vovô parar o carro, sair e me aventurar naquela selva diferente. Mas o desejo de chegar logo à praia e ver o mar era ainda maior.

No ano seguinte, vovô repetiu a viagem para o litoral com os netos. Quando o carro trafegava pela alça de acesso da Bandeirantes, eu avistei a construção e as torres de energia que tanto me intrigaram na vez anterior. Afirmei:

– Aqui é São Paulo!

Meus avós acharam graça. Vovó ficou curiosa e perguntou:

– Como você sabe que aqui é São Paulo?

– É porque aqui tem ponte que faz curva, prédios mais altos que montanha e um monte de torres engraçadas que parecem árvores.

E, desde então, a Usina da Traição é o meu marco zero de São Paulo. O marco da traição daquela menina do interior que trocou o conhecido da terra natal pelas aventuras, desvarios e desafios de uma cidade que hipnotiza.

# Legalização da Gentileza

*Sérgio Bernardo*

A boa vontade, surgida ao acaso, faz carícias na gente, igual àquelas que percebo na língua da minha cadela ao lambar seus quatro filhotes como quem toca em objetos de fina porcelana. Por telefone, pediram-me que pedisse ao vizinho um pouco de erva-de-passarinho, a ser ingrediente de um xarope. Com saião, guaco, mel, beterraba, há de favorecer a cura da pneumonia que há 15 dias maltrata uma tia. Fiz o pedido. E o senhor da casa ao lado, prestimoso e cortês, me chama do muro para entregar a sacola com a erva. “Diga a ela que não é de árvore com espinho, não. É da jabuticabeira. E se precisar de mais, é só pedir”, avisa, com a satisfação de ajudar impressa no rosto.

Lembro-me de antigamente, do que ouvia minha avó contar sobre o quase parentesco entre vizinhos. Ela morava em uma vila na Rua Adolfo Mota, na Tijuca de um Rio de Janeiro de outros tempos – quando no bairro a polícia quase não trabalhava. Vizinhança era parte da família e estava aí para o que desse e viesse. As cadeiras nas portas das casas iam dando chance para uma intimidade cada vez maior, crescida nas conversas à noite. Época sem novelas nem internet para exterminar o colóquio amigo entre pessoas. E sem o temor contemporâneo de um assalto à mão armada, caso as portas não se fechem com o máximo possível de chaves e trancas.

Há palavras que não deveriam nunca cair em desuso. Cortesia. Generosidade. Amabilidade. Gentileza. Enumero apenas estas quatro que pouco tenho ouvido nas vozes do dia a dia ou lido nas milhares de palavras que compõem os jornais a cada edição. Deveriam ser leis. A Lei da Gentileza faria o



país prescindir de outras. O seu exercício cotidiano evitaria discussões, xingamentos, pensamentos-forma de ódio que vão gerando mágoas e rancores monstruosos, e até agressões físicas e assassinatos. Por isso foi tão bom e importante percebê-la na atitude simples de um favor prestado.

Com certeza todos respeitam outras leis, criadas e sancionadas pelo Estado. Mas a da gentileza não foi oficializada. É da competência de cada um, regulamentada e posta em prática individualmente. Nascida de uma junção entre alma e cérebro para reger pensamentos, atitudes e verbalizações.

Quando encontramos a gentileza legalizada por um indivíduo, sentimos renovar-se o próprio ar – irrespirável, hoje, entre tantos acontecimentos brutais, no Brasil e no mundo. Uma prova palpável dessa lei da qual precisamos tanto está ali, dentro daquela sacola de supermercado, no emaranhado de erva-de-passarinho que até o fim do dia virará um santo remédio.

# O dia em que o espírito do Elvis baixou em mim

*Pedro Melo*

Não, eu não cursei Direito. Queria ser professor de Português, minha matéria preferida e a mais linda do currículo escolar. Por isso, escolhi o curso de Letras, o mais perfeito que existe, em uma faculdade na minha cidade natal.

O curso de Letras só não era perfeito, a encarnação da escola peripatética de Aristóteles... por causa do Inglês... Meu Deus, como eu era ruim! Se puder me definir como aluno de inglês, vou resumir com uma única palavra: nulidade... uma nulidade de aluno... eu era muito ruim, mesmo, tinha dificuldade em tudo: em gramática, em pronúncia, em *listening*, em *spelling*... em Português eu era um dos melhores alunos da instituição, modéstia às favas, mas em Inglês eu era a ralé da ralé...

Minha professora de Inglês também não ajudava: ela era um resquício dos tempos da ditadura, uma professora muito inteligente, fluente, mas extremamente conteudista e sem paciência para lidar com gente ruim como eu. Comigo, particularmente, sempre foi uma lady, mas presenciei seus destemperos com outros alunos... era extremamente grossa... acho que fui premiado com a sua frieza britânica. Com outros era mais passional...

Certa vez, no segundo ano (para piorar minha situação, carregava uma dependência do primeiro), dei o azar de faltar em uma aula dela. O curso seguia um livro, como diria o Chapolin Colorado, “friamente calculado”. E caí de paraquedas na aula seguinte. Ela entrou na sala (era de

manhã), pediu que todo mundo abrisse na lição de Imperativo, o tema que havia começado na aula anterior, e solicitou que cada aluno, de chofre, formulasse uma frase nesse modo verbal.

E agora, meu Senhor das Esferas (como diria Vinícius de Moraes), o que fazer nesse momento de dor? Minha sorte era que eu sentava no fundo, e ela foi pedindo aos alunos fileira por fileira, em ordem, desde as protegidas da frente até chegar ao pessoal do fundo. Naqueles gloriosos tempos pré-EAD, não existia curso de Letras à distância como existe hoje: era uma sala de aproximadamente 80 estudantes. Demorou até chegar minha vez.

Hoje, tantos anos depois, em que estudei bastante Inglês e superei aquelas deficiências de aluno de escola estadual (onde o Inglês é uma catástrofe), até dou risada... Imperativo é moleza. Como não existem desinências verbais no inglês, é só usar o verbo no próprio infinitivo com outros termos da oração, se for o caso... “STOP” já seria uma frase no imperativo. Mas e eu, 20 anos, uma nulidade, fraco e sem o conteúdo da aula anterior? O que faria?

Para aumentar minha agonia, as frases que saíam da boca dos meus colegas das primeiras fileiras eram verdadeiros corolários de bom gosto e correção gramatical... Nada tão complexo, mas para um ignorante e boçal como eu era, qualquer frase simples já era um achado gigantesco.

Faltavam três colegas para chegar a minha vez e eu sem saber o que dizer. De repente, me lembrei do Elvis Presley e de uma de suas músicas mais bonitas e famosas: “Kiss me quick”. Aí eu raciocinei em português: Se ele diz “beije-me rápido”, isso é uma ordem... então é imperativo!

Todos olhavam para mim, talvez pensando: Ele faltou na última aula e agora, o que vai dizer? Quando chegou minha

vez, já suando frio, quase me borrando (literalmente falando, eu morria de medo dela), todos me encarando, olhei para ela de modo meio teatral e, dramatizando a frase, disse: “KISS ME QUICKLY!” Mais escorrito impossível, aliás, pois transformei com o sufixo -LY o adjetivo em advérbio, tornando a frase mais culta. (Foi sem querer, é claro...)

Foi uma gargalhada geral! A frase estava correta, é claro, acho que todo mundo deve ter pensado que eu fosse me atrapalhar e dizer alguma besteira. Até a professora, que estava com cara fechada até então, sorriu diante da minha frase absolutamente inesperada... “Beije-me rapidamente”... ela riu dessa cantada involuntária e a turma toda também. Sem querer, quebrei o gelo da aula e a partir daí eu passei a suar menos frio nas aulas de Inglês...

ELVIS, amigão... Te devo uma! Valeu! E antes que esqueça: tudo isso aconteceu há vinte anos... mas continuo achando o curso de Letras o mais lindo que existe no mundo... e faria tudo de novo!

# Caçadora de Palavras

*Carla Taíssa Laureano Santana*

Escrever é uma arte. Essa é a máxima de muitos. Considerada uma arte erudita, da mais distinta cultura e fina elegância. Revelando magia e emoção através de um diálogo encantadoramente montado em versos, frases, capítulos incontáveis de clássicos que expressam diferentes gerações.

Devastadora. Romântica. Simples. Rebuscada. Com sentimento. De racionalidade calculada. Que provoca. Que encanta. Dramática. Sensual. Moderna. Conservadora. Divertida. Jovem. Atualizada. Esclarecedora. De muitos são os gêneros e exploradas pela pureza de um coração jovem ou a dureza de um coração já sofrido. A escrita sempre foi a maior forma de expressão de um povo através das gerações.

Porém para mim, escrever é muito mais do que essa arte imaculada e às vezes até opressora, desfrutada por um pequeno círculo culto e privilegiado. Escrever é simplesmente libertador.

Fechar os olhos e sentir as batidas aceleradas do coração e o barulho frenético dos dedos que escrevem loucamente impulsionados pela inspiração. Expressar o mais profundo sentimento de minha alma, registrar fatos, emoções, pessoas, momentos, memórias que através de versos se tornarão eternas.

A mágica energia que liberta a tempestade de emoções do coração e transforma as súplicas mais desesperadas das batidas de meu peito em poemas. Capítulos que nada mais são

do que o simples relato sincero e profundo da mais profunda tristeza ou da mais doce alegria de meu ser.

Inclassificável. Com a vastidão de nuances dessa tormenta organizada e sempre mutante, reflexo das curvas e voltas que o destino faz. Carregando a força e a sensibilidade de um aprendizado acumulado pelos caminhos da existência jovem, mas repleta da aventura diária da descoberta de mim mesma. A pura e simples forma de me salvar na sobrevivência nessa selva perigosa, romântica, dramática e desafiadora chamada vida.

Escrever é tudo. Não é a arte erudita ensinada friamente nas escolas. É a arte da vida pulsante dentro de meu peito. Ou quem sabe apenas fiel a minha própria personalidade. Mutante. Inconstante. Complexa. Guerreira como uma leoa? Elegante e delicada como uma borboleta? Ou uma mistura bem dosada dos dois?

Apenas um registro simples e livre de meus sonhos. Por isso sigo sempre avante, na tarefa encantadora e incessante de caçar palavras. Emoções. Corações. Multidões. De caçar a minha própria liberdade.

# Da crônica dor de cabeça de se escrever uma crônica

*Saja*

Segurei a caneta.

Olhei para o papel.

Nada me vinha à mente. Ou melhor, tudo me vinha à mente. O professor, cronista renomado, havia nos inundado com crônicas e mais crônicas, durante toda uma tarde.

Se poeta fosse, diria que meu cérebro se encontrava grávido de tantas ideias. Mas o que eu estava mesmo era com uma tremenda dor de cabeça crônica com a tarefa de escrever uma crônica.

O professor, cronista renomado, andava pausadamente pela sala.

Silêncio total.

Todos escreviam, menos eu...

Olhava para o papel em branco e transpirava palavras e ideias: incongruências, banalidades, efemeridades, equívocos, teoremas, galáxias, dor de cotovelo, a noite é uma criança, a vida é uma incógnita...

E a dor ribombava nas minhas têmporas... Mais e mais crônica... Prestes a ter mesmo um ataque de agudice crônica (isso existe?).

O papel me olhava ameaçadoramente em branco.

Olhei à minha volta. O silêncio persistia. Todos seguiam escrevendo, menos eu... O papel continuava a me fitar assustadoramente em branco. Se ao menos alguém dissesse algo... Se alguma ideia me acorresse à mente...

Olhei novamente para o papel... Crônica, azeitona do pastel literário (quem disse isso?). Novas ideias afloraram: infância, reminiscências, engodo, Pasárgada, política, ladrão que rouba ladrão...

E a dor martelava, agora cadenciada. Parecia que um grupo de pagode (com direito a tocador de caixinha de fósforos e tudo) cantava “É com esse que eu vou” dentro da minha cabeça. Ah vá! É com essa (crônica) que você não vai mesmo a lugar algum, entoava o coro da minha dor de cabeça crônica que, a essa altura, já havia dobrado de tamanho. Estava, agudamente falando, duas vezes crônica.

Mais algumas ideias brotaram do meu suor. Era isso! Talvez algumas palavras para causar efeito. Que tal: lucivéu, convescote, cinesíforo, ludopédio, palimpsesto, entupigaitar, diáfano, leucócito, defenestrar, opúsculo, zurzir, barafustar, palíndromo, notívago (adoro essa palavra).

A situação estava deveras crítica e ficou ainda pior (se é que era possível) quando o professor, cronista renomado, citando outro cronista renomado, disse-nos que escrever uma crônica era tarefa das mais simples: bastava sentar-se diante do papel e esperar o sangue brotar da testa.

Naquele exato momento, meu sangue congelou nas veias.

Senti algo quente escorrer pela minha fronte. Passei a mão e, por um instante, por um fugidio instante, pensei tê-la visto rubra de sangue.

Engano meu. Que alívio! Tratava-se tão somente do comum, banal e fedorento suor dos reles mortais.



Decidi, então, a despeito das minhas mais recentes aspirações, considerar a possibilidade de encerrar, ali mesmo, minha incipiente “carreira” de cronista e voltar ao meu velho, conhecido e confortável ofício de professora de Português: ensinar a escrever uma crônica é muito mais fácil do que escrevê-la de fato.

# Vida

*Andressa Barichello*

A gente vive a vida. Em todo sono que traz à tona o sonho. Em todo sonho que traz à tona o sujeito. A gente vive de tudo que nos traz à tona; se é preciso tomar fôlego na superfície das águas revoltas do inconsciente. A gente vive a vida nas coisas que guardamos e aguardamos. Em tudo que é ostensivamente frágil. E a gente sofre a vida. Como alguém que sofre o efeito de uma carga de radiação. Como quem sofre um acidente. Como quem sofre um aborto. Como quem sofre. A vida nos arrebatava, como um fio desencapado a soltar-se do poste e, fosse uma jiboia, nos envolver inteiros. A vida nos digere, lenta, feito a cobra em estado de torpor. Estamos dentro dela, enquanto os dias se enrodilham em torno de nós a formar uma onda constricta. Onda de mar, rádio, calor; onda que afoga, transporta ou incinera? A gente sofre na vida, mais do que da vida. Porque sofrer de vida é o estado crônico de quem não padece de morte. A gente sofre as perdas e sofre os ganhos. As perdas dos ganhos e, muito especialmente, os ganhos das perdas. A gente pontualmente sofre até as antecipações e as vidas todas que nem tivemos nem nunca teremos para que possamos viver essa faixa bônus orquestrada pelo universo inorquestrável. No fundo nada se perde neste depósito. Depósito, como a poeira que se acumula sobre a estante. Como um pássaro a botar ovo. Como a poupança alimentada para não se sabe quando. Perdidos, perdidos mesmo, andamos nós, seres de habitar passado, futuro, e o cheiro das gavetas da casa da nossa mãe. Simples farejo, como faz o cão da casa em frente toda vez que desce as escadas da fachada para ver de quem é que se trata o passante insuspeito. Nós, seres de memória. A memória viva de todas

as nossas gerações. Nós, que abrimos a gaveta da casa da nossa mãe e encontramos ali coisas mais duráveis do que ela e do que nós. E sentimos no ar uma impressão, dotados que somos de um olfato canino. Todas as nossas gavetas, abertas e fechadas, um dia. Cheias, vazias, trancadas à chave. Gavetas ocas, maciças, cheias de corrediças. Qual será a razão de tanto mistério? Razão nenhuma que não o mistério? Faço uma aposta: vale viver a vida enquanto houver gavetas por abrir e fechar. Não importa quantos ovos de serpente elas aninhem. Não importa quão emperradas estejam. Porque vale sofrer a vida, da vida e na vida enquanto houver qualquer coisa que choque ou emocione. Nem que seja, literalmente, as gavetas da casa da nossa mãe. Ou a maneira com que o cão da casa em frente desce as escadas da fachada e se atira aos pés do passante insuspeito.

# Rita

*Marcela de Castro Bergamin Yoneda*

Confusões com ligações telefônicas são comuns, todo mundo sabe.

Número errado, DDI errado.

O “Ô, desculpa, foi engano,” virou mato.

Isso quando quem liga não é o tu-tu-tu-tu.

Falha de dedo. Tecla enroscada. Anotação do número errado!

Os caras se matam para pendurar um satélite na nossa cabeça e a gente errando apertos.

Aqui em casa é comum ligarem perguntando, no número mais novo, se é de um tal colégio – porque esse número, algum dia, já deve ter servido para causas mais nobres do que meus míseros papos com minhas amigas.

Normal.

Mas outro dia foi de doer.

Atendo o número de tantos enganos e a voz masculina já vai disparando em tom doce, suave, quase sussurrado, mas firme:

– Oi, Ritinha, sou eu. Me desculpa por ontem, por favor.

– Acho que o senhor ligou no número errado – respondo.

– Não Ritinha. Não faz isso não, meu amor.

– Mas não é a Ritinha.

– Ah! Claro. Você está no trabalho, eu mesmo liguei. OK. Tá disfarçando, né meu amor?!

– Moço, já disse que o senhor ligou no número errado. Aqui é uma residência! Por que eu disfarçaria meu nome no meu próprio trabalho?

– Puxa Rita, você é firme nisso de disfarçar. Gostei. Olha, fica quietinha que eu vou falando. Só ouve, tá, meu amor?! É importante eu deixar tudo esclarecido sobre ontem.

Ai caramba! Resolvo ouvir que é para ver se depois ELE me ouve.

Fico quieta e ele prossegue feito uma metralhadora disparada.

– Olha meu amor... Sei que ontem eu fui meio desajeitado, não fiz muito bem as manobras e acabou saindo tudo muito esquisito.

Ah! Claro! Manobras!

Fico aliviada. Deve ser um aluno ligando pra sua professora da autoescola!

– Não se preocupe – eu respondo. – Da próxima vez você vai se sair melhor. Ficou nervoso, ansioso. Também não é pra menos, não é? Mas agora me ouve, por fa....

– Ai, Rita! Por isso que gosto de você. Sempre compreensiva! Pensei que você não perdoaria o não conhecer as dimensões, o ritmo que não acertei, o local inadequado e nada acolhedor...

– Calma...hum...

– Antoninho. Adoro quando você me chama de Antoninho.

– Calma, Antoninho. Você terá sua próxima chance.

Vixi! Por que falei isso? Acho que assim ficou complicado.

Pensei que ele pretendia marcar outra aula, outra prova...e tentei lembrá-lo de que eu não era a Rita... mas que ficasse tranquilo.

– Mas claro que é! Conheço essa voz. Aliás, agora conheço tudo de você... inteirinha, todinha... E quero que você saiba que você merecia um lugar melhor, e uma explosão de emoção... Sei que não foi o que você sonhava... Mas pelo menos pudemos ficar sozinhos e sem medo de sermos descobertos...

Meu Deus! Esse cara é maluco! Aviso que vou desligar. Que é tudo um grande engano... que não sou a Rita – embora nessas alturas eu já estivesse encafifada com o que esse cara pudesse ter aprontado com a tal Rita.

– Não, não, não. Por favor, Rita. Não faz assim. Não desliga. Estou me abrindo com você. Pensa que é fácil pra um homem admitir que não foi eficiente? Quero dizer, foi bom, mas podia ter sido melhor.

– Chega!

Desligo o telefone.

Toca de novo e o Antoninho recomeça:

– Você quer mesmo acabar com tudo assim desse jeito?  
– pergunta em tom irônico.

Cruzes! O cara está espremendo a Rita que não é a Rita, dando satisfações e explicações... Fico apavorada pensando que quando ele encontrar a Rita verdadeira ele será todo dócil e gentil, pensando que está tudo esclarecido e ela, que não fará a mínima ideia de sua franqueza e hombridade, vai lhe dar uma bolsada na orelha. Porque, a julgar pelo que ele diz, foi uma noite desastrosa.

– Escute, Antoninho. Preste bastante atenção: não sou a Rita. Ligue no número certo e fale tudo isso a ela. Você deve ser uma pessoa muito legal, mas eu não sou a Rita e embora tenha entendido suas explicações, não poderei te dar uma nova chance.

– Que é isso Ritinha, sem chances?

– Não, Antoninho. Não sou a Rita, mas se fosse, te daria uma chance, sim.

– Ah é? E o que você faria?

– Eu te chamaria pra tentar “manobrar” de novo. Essas coisas requerem intimidade, prática...

– Sério?

– Sério.

– Obrigado, dona. Agora vou ligar pra Ritinha.

Acho que vou mandar desligar essa linha telefônica.

